

O Estado da Arte de Pesquisas sobre “Clube do Livro” ou “Clube de Leitura”¹

Susana Azevedo REIS²
Christina Ferraz MUSSE³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

Este artigo tem como objetivo realizar um levantamento das pesquisas brasileiras que tem como objeto de estudo o “clube do livro” ou “clube de leitura”. Para isso, primeiramente discutiremos sobre questões relacionadas ao campo científico da Comunicação e seu diálogo com outras áreas acadêmicas. Também iremos realizar uma revisão da literatura sobre o nosso objeto, recorrendo a autores como DeNel Rehberg Sedo (2011), Corinna Norrick-Rühl (2019), Luzia de Maria (2016) e Abigail Williams (2017). Por fim, apresentaremos os resultados do estado da arte das pesquisas sobre clubes de livros e de leitura no Brasil, realizada por meio do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do site Google Acadêmico.

PALAVRAS-CHAVE: clube do livro; clube de leitura; estado da arte; campo científico; leitor.

Introdução

O “clube do livro” ou “clube de leitura” é um objeto de estudo observado por diversas disciplinas na área acadêmica brasileira. Encontramos pesquisas nos campos da Letras e Linguística, da Educação, da Sociologia, da Comunicação, entre outros. Assim, pensar esse objeto requer uma reflexão sobre como ele se encontra no campo epistemológico do século XXI. Com essa questão em mente, buscaremos nesse trabalho realizar o estado da arte de clubes de livros e clubes de leitura no Brasil, nos últimos 20 anos.

Para isso, primeiramente refletiremos sobre os conceitos de campo científico, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade, utilizando os autores Pierre Bourdieu (1983;2004), Tiago Quiroga (2013) e Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2007).

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda do Curso de Pós-Graduação em Comunicação da UFJF, e-mail: susanareis.academico@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professora do PPGCOM da UFJF e líder do Grupo de Pesquisa Comunicação, Cidade e Memória, email: cferrazmusse@gmail.com.

Também iremos realizar uma revisão de literatura, recorrendo a autores nacionais e internacionais, que nos ajudarão a compreender quais são os questionamentos atuais sobre esse objeto.

Por fim, apresentaremos os resultados da pesquisa de estado da arte realizada através do Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e do Google Acadêmico, com foco em compreender como o objeto se constitui no campo acadêmico brasileiro e, principalmente, na disciplina Comunicação, nos últimos 20 anos. Apresentaremos quais são as áreas do conhecimento que possuem pesquisas que envolvem o objeto, qual o principal formato de publicação (resumo, artigo em revista ou evento, dissertações e teses) e qual a classificação do Qualis Capes, na área de Comunicação e Informação, das revistas que publicaram os artigos relacionados ao tema.

A disciplina Comunicação e suas discussões

As pesquisas pertinentes à área de Comunicação recebem, muitas vezes, contribuições de diversas outras disciplinas, como Educação, Letras e Sociologia. Dessa forma, é importante refletirmos sobre como as pesquisas do campo comunicacional estão utilizando não só seus próprios conceitos, teorias e metodologias, mas também realizando interlocuções com as outras áreas para que possam responder os questionamentos das investigações e compreender o objeto.

Para isso, primeiro gostaríamos de definir o termo “disciplina”. Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2007) explica que, etimologicamente, a palavra se vincula ao dever do estudante ou discípulo em aprender, sendo antagônico a doutrina, que seria a função do mestre ou professor. Assim, disciplina teria um significado de prática e exercício, tendo como foco a reprodução de conhecimento. Já a doutrina se referiria à teoria abstrata, se vinculando mais a produção.

Na área de Ciências Sociais, as disciplinas só se definiram depois de serem praticadas por um longo tempo, tornando-se doutrinas, ensinadas e justificadas por professores e doutores. Elas se constituíram intelectualmente da ideologia liberal dominante no século XIX, “que argumentava que o estado e o mercado, a política e a economia, eram setores analiticamente separados, cada um com suas regras ou ‘lógicas’ particulares” (LOPES, 2007, p.9). Já no século XX, Pierre Bourdieu (1983; 2004) trouxe uma discussão interessante para a área da epistemologia da ciência, que envolve as disciplinas: o conceito de “campo científico”.

Para o sociólogo, todas as produções culturais - sejam elas filosóficas, históricas, da ciência, da arte ou literatura – são “objetos de análise com pretensões científicas” (BOURDIEU, 2004, p.19), podendo ser interpretadas de duas formas: internamente ou externamente. O primeiro tipo de interpretação se configura por aqueles que consideram que, para compreender uma disciplina, é necessário ler textos. Já os externalistas, que normalmente são associados ao marxismo, associam o texto ao contexto, interpretando o objeto e relacionando-a com o mundo social e econômico. Essa oposição entre as duas formas de interpretação acaba criando a ideia de que a ciência se idealiza nela mesma, sem a intervenção do mundo social. Nesse sentido, Bourdieu elabora a noção de campo:

Minha hipótese consiste em supor que, entre esses dois polos, muitos distanciados, entre os quais se supõe, um pouco imprudente, que a ligação possa se fazer, existe um universo intermediário que chamo de campo literário, artístico, jurídico ou científico, isto é, o universo no qual estão inseridos os agentes e as instituições que produzem, reproduzem ou difundem a arte, a literatura ou a ciência. Esse universo é um mundo social como os outros, mas que obedece às leis sociais mais ou menos específicas (BOURDIEU, 2014, p.20).

Esse campo é um microcosmo dotado de leis próprias, autônomo. Para Bourdieu, no caso do campo científico, não existe uma ciência pura, livre das necessidades sociais, e nem uma ciência escrava, que depende das demandas políticas econômicas. O que existiria “é um campo social e, como tal, faz imposições, solicitações, etc., que são relativamente independentes das pressões do mundo social global, que o envolvem” (BOURDIEU, 2004, p.21). As pressões externas só se exercem por intermédio do campo e são mediatizadas pela lógica do campo. Assim, o campo seria independente, não sendo atravessadas por aspectos culturais, históricos, políticos. Quanto maior o grau de autonomia de um campo, maior será poder de refração e retradução, autorizando a falar fora do campo com certa “eficácia simbólica” (BOURDIEU, 2004, p. 74)

Além disso, o campo científico seria marcado por disputas e lutas. Nesse espaço social estruturado, há uma luta entre dominantes e dominados, com relações de desigualdade, entre aqueles que estão no poder e lutam para permanecer em sua posição e aqueles que utilizam suas forças para se opor aos dominantes. (BOURDIEU, 1983; 2014). Ou seja, dentro do campo, existiria uma estrutura das relações objetivas, que determina entre os agentes, indivíduos ou instituições, o que eles podem ou não fazer. Assim, os agentes dominantes seriam os que comandam os pontos de vista, intervenções científicas, lugares de publicação, temas e objetos.

A estrutura do campo seria, dessa forma, definida pela distribuição e acumulação de capital científico - reconhecimento da competência do agente, que lhe proporciona autoridade e permite que ele defina as regras do jogo, suas regularidades e leis – dentro do campo. E esse capital pode ser de dois tipos. O temporal, ou político, está relacionado ao poder institucional, a ocupação de posições importantes em instituições científicas, nos laboratórios e departamentos e aqueles que pertencem a comissões de avaliação. Ou seja, são aqueles que exercem poder sobre os meios de produção e reprodução. Já o capital “puro” é constituído através do progresso da ciência e da inovação científica, das descobertas. Ele se constituiria, assim, pelo prestígio dos agentes, alcançado por meio de prêmios e trabalhos publicadas em publicações de alto nível, por exemplo. Assim, para Bourdieu, os dominantes e mantenedores do capital científico “puro” controlam revistas e publicações:

Além das instâncias especificamente encarregadas da consagração (academias, prêmios etc.), ele compreende ainda as revistas científicas que, pela seleção que operam em função de critérios dominantes, consagram produções conformes aos princípios da ciência oficial, oferecendo, assim, continuamente, o exemplo do que merece o nome de ciências, e exercendo uma censura de fato sobre as produções heréticas, seja rejeitando a expressamente ou desencorajando simplesmente a intenção de publicar pela definição do publicável que elas propõem (BOURDIEU, 1983, p.138).

Assim, Bourdieu afirma que o campo científico é o lugar de luta política, que designa o local do pesquisador, um jogo de poder para impor uma definição de ciência que esteja de acordo com interesses específicos.

Tiago Quiroga (2013) analisa essas premissas de Bourdieu tomando como objeto o campo da Comunicação, discutindo em torno de sua constituição enquanto disciplina na ordem do conhecimento. Assim, retomamos aqui o conceito de disciplina, definida pelo pesquisador como “uma determinada convergência de estudos em torno de um dado objeto cujo discurso especializado, de modo geral, outorga a suas práticas científicas o título de área do conhecimento, episteme ou simplesmente ciência” (QUIROGA, 2013, p.37). Para ele, o campo social seria o espaço de lutas e embates, como comenta Bourdieu. Porém, dentro desse campo, a disciplina se constituiria como o local de produção e o acúmulo específico do capital científico “puro”, com as materialidades disciplinares que representam as especificidades internas, fortalecendo e preservando o lugar de fala. Assim, existe um grande debate epistemológico contemporâneo que busca essa propriedade de fala para a Comunicação.

Quiroga afirma que, enquanto existe uma busca de legitimidade teórica para a disciplina, ela ainda se consagra, muitas vezes, como aporte para outras áreas na ordem do conhecimento. Assim, é comum que pesquisadores se apropriem de diversas teorias e sentidos para responder a suas questões referentes ao objeto, o que faria da comunicação apenas um “lugar de passagem”, onde “as diversas produções teóricas tendem a reforçar opiniões de senso comum” (QUIROGA, 2013, p.38). Isso significa que é o objeto científico, no campo da Comunicação, que se mostra interdisciplinar. As respostas para as questões do pesquisador, referentes ao seu objeto, podem ser encontradas em diversas outras disciplinas. Porém, ao mesmo tempo, é necessário compreender que o lugar de fala ainda é o da Comunicação.

Já Maria Immacolata Vassallo de Lopes (2007) acredita que atualmente está emergindo um novo padrão, um movimento chamado “transdisciplinaridade” ou “pós-disciplinarização”, que deve superar os limites das especialidades fechadas e hierarquizadas. Nesse sentido, na transdisciplinaridade, ocorre uma intercomunicação entre as disciplinas, de tal modo que não existem fronteiras entre elas, mas se respeitam suas singularidades. Nela, existe a necessidade de organizar todo o conhecimento, de um “pensamento complexo”, definido por Edgar Morin (1982) como um paradigma da complexidade, que pode incitar a estratégia-inteligência do pesquisador que investiga um problema. Ele incentiva a distinguir e comunicar, ao invés de isolar e disjuntar,

a reconhecer os traços singulares, originais, históricos do fenômeno em vez de ligá-los pura e simplesmente a determinações ou leis gerais, a conceber a unidade - multiplicidade de toda a entidade em vez de torná-la heterogênea em categorias separadas ou de homogeneizá-la numa totalidade indistinta (LOPES, 2007, p.12).

Assim, para Lopes, existe atualmente uma convergência das áreas, a transdisciplinaridade, que não é oposto a disciplina, mas complementar a ela. É um movimento de abertura, de interação, convergências e transbordamentos, que cria relações cada vez mais densas entre as ciências humanas, sociais, artes, literatura e outra.

Assim, discordando de Bourdieu, ela afirma que existe a emergência de um campo de discurso e práticas sociais que “vai cada vez mais depender da profundidade, extensão, pertinência e solidez das explicações que produza, do que do prestígio institucional acumulado” (LOPES, 2017, p. 10). Parece-nos também que ela discorda da questão de autonomia de campo pois, em um mundo globalizado, ocorreu uma desdogmatização das Ciências Sociais, já que os objetos são hoje construídos através de múltiplas narrativas.

Ao mesmo tempo, Quiroga comenta que, com o advento das novas tecnologias, as fronteiras estão cada vez mais fluidas e incertas, em razão do transbordamento teórico das disciplinas: “não existe mais objeto científico que não resulte necessariamente da articulação conceitual construída de modo intencional entre o fenômeno social e o arcabouço teórico de cada campo científico” (QUIROGA, 2013, p.36).

Dessa forma, percebemos que as discussões relacionadas a conceituação da área da Comunicação no campo científico, seja ele fechado em si mesmo, interdisciplinar ou transdisciplinar, são complexas e ainda é um assunto que oferece mais dúvidas do que respostas. Por isso, não buscamos nesse trabalho estipular um conceito, mas oferecer um panorama da discussão no contexto acadêmico atual. Essa reflexão acerca do tema nos permite realizar um estado da arte de nosso objeto de estudo, “clube do livro” ou “clube da leitura”, de forma mais dinâmica, já que ele é um objeto acadêmico de diversas disciplinas contemporâneas.

“Clube do Livro” ou “Clube de Leitura”: uma revisão de literatura

Desde os primórdios, o ser humano utiliza-se de algum meio para conseguir se comunicar e ler boas histórias. Como comenta Alberto Manguel (1997) as antigas civilizações utilizaram-se de diversos meios para se expressar, criando plataformas similares aos livros: blocos em formatos, folhetos de papiro, códices de pergaminho. Em 1440, John Gutemberg começou a invenção que mudaria a forma como os livros eram fabricados: a imprensa. A partir desse momento, os livros começaram a ser vendidos em larga escala. E os hábitos de leitura se modificavam de acordo com as necessidades dos usuários e os ideais da sociedade. Assim, os livros foram também responsáveis por criarem comunidades. Os clubes de leitura ou clubes de livros reforçam essa cultura grupal, reunindo integrantes para discutir sobre as obras escolhidas e seu contexto histórico e cultural. Essa prática se iniciou no século XVIII, com os *books clubs* (CHARTIER, 1999). Nessa perspectiva, diversos pesquisadores e estudiosos que se se debruçam sobre pesquisas sobre livros, literatura e hábitos de leitura acabam discutindo o conceito e a genealogia desses clubes.

Para pesquisadora alemã Corinna Norrick-Rühl (2019) o termo “clube do livro” é utilizado de quatro formas diferentes na sociedade. Primeiramente, esses clubes podem ser entendidos como clubes de leitura, onde grupos se reúnem para escolher um livro específico, lê-lo e discuti-lo. Esse formato é muito utilizado em escolas, bibliotecas e

outras organizações. Outra forma de utilizar a expressão “clube do livro” é para descrever as sociedades bibliófilas, que se reúnem para imprimir obras especializadas e exclusivas, que não seriam publicadas por empreendimentos comerciais. O termo também pode ser empregado para descrever as sociedades literárias dos séculos XVIII e XIX, onde os membros tinham acesso às bibliotecas particulares para pegar livros emprestados ou lê-los nas instalações do clube. Por último, podemos encontrar clubes do livro que têm como objetivo vender livros, os chamados clubes de assinatura de livros.

A antropóloga francesa Michèle Petit (2010), em seu livro “A arte de ler”, afirma que os clubes de livros são fenômenos antigos, surgido no mundo anglo-saxão do século XIX. Porém, na década de 1990, eles se multiplicaram principalmente nos Estados Unidos, Inglaterra, Holanda, Grécia e Espanha através de reuniões, públicas e privadas, em sua maioria em bibliotecas.

Enquanto isso, a pesquisadora estadunidense DeNel Rehberg Sedo (2011) se aprofunda na história dos clubes de livro nos Estados Unidos. Ela afirma que foi ainda no século XVIII que pequenas “sociedades de livros”, “sociedades de leitura”, “clubes do livro” e “sociedades literárias” se formaram, com o objetivo de discutir e emprestar livros, funcionando como uma biblioteca. No século XIX, essas comunidades eram formadas, em sua maioria, por mulheres. A autora comenta que foi apenas depois da Guerra Civil (1861 a 1865) que esses clubes de leitura se expandiram, pois houve um aumento da alfabetização e as mulheres começaram a ganhar o espaço público. Até o final do século XIX, havia mais de dois milhões de mulheres americanas nas sociedades literárias e estima-se que 75% das bibliotecas públicas dos EUA foram fundadas por esses grupos (SEDO, 2011). O livro “Reading Communities from Salons to Cyberspace”, organizado por Sedo, reúne diversos artigos que discutem o processo formação de grupos focados na leitura desde o seu surgimento até a era digital contemporânea.

Já Abigail Willians (2017), professora de literatura inglesa na Universidade de Oxford, explica em seu livro “The Social Life of Books” como a fundação de clubes de livros na Inglaterra foi uma importante forma de socialização entre mulheres, amigos e parentes no século XVIII. Eles se reuniam em casas, pubs, cafés e livrarias não só para discutir os livros, mas também como forma de conversarem e se conectarem uns com os outros.

Os clubes de livro também estão presentes em pesquisas relacionadas à área de educação. A pesquisadora Luiza Maria (2016) traz em seu livro “O clube do livro: ser

leitor, que diferença faz?” uma extensa discussão sobre a importância dos clubes de livros na sala de aula e na vida dos estudantes e adultos. Para ela, a leitura, quando se torna um hábito, provoca e instiga: “alimenta e oferece provisão: o sujeito se torna falante, faz conjecturas e avaliações, passa a ter o que falar” (MARIA, 2016, p. 66). Com o tempo, o sujeito desejará atuar naquele “diálogo”, escrevendo, sendo um importante meio para o crescimento educacional e social de crianças e adolescentes.

E, como comentamos, existe um outro tipo de clube de livros, os clubes de assinatura de livros, focados na venda e comercialização de obras. Norrick-Rühl (2019) explica que esses clubes funcionam como distribuidores, pois eles compram livros publicados e os revendem abaixo do preço de varejo. Porém, eles também podem atuar como editores-distribuidores no momento em que adquirem licenças para livros já publicados e produzem suas próprias edições reeditadas ou publicam sua própria lista de edições originais (NORRICK-RÜHL, 2019). Ela destaca quatro elementos presentes nesse tipo de clube que ela denomina os “4 Cs dos clubes do livro”: curadoria, conveniência, concessão e comunidade.

Norrick-Rühl (2019) em seu livro “Book Clubs and Book Commerce” oferece um panorama sobre esse tipo de clubes de livros, abordando a história dos clubes de assinatura na Europa, principalmente na Alemanha, e nos Estados Unidos. Segundo ela, após a Primeira Guerra Mundial, houve uma grande mudança cultural, política, religiosa e ideológica na Europa que incentivou a criação dos clubes de assinatura de livros. Na Alemanha, 42 clubes por assinatura foram surgidos entre 1918 e 1933, destacando Volksverband der Bücherfreunde e o Deutsche Buch-Gemeinschaft. Nos Estados Unidos, o Book-of-the-Month Club foi criado em 1926, seguido por seu concorrente The Literary Guild, em 1927. Já na Inglaterra, o primeiro clube registrado é o Book Society, em 1929 (NORRICK-RÜHL, 2019).

Ao fim da Segunda Guerra Mundial os clubes do livro por assinatura já estavam consolidados. Em 1956 foram contabilizados 108 clubes de assinatura de livros nos Estados Unidos, com um total de mais de 7 milhões de membros. Na Alemanha, a The Bertelsmann Lesering, fundada em 1950, começou uma expansão global. Primeiramente na Espanha, em 1962, com o Círculo de Lectores. Depois, criou clubes na Áustria (1966), na Holanda e Bélgica (1967), seguido por 32 outros mercados nacionais até 2005, na Rússia. No Brasil, a Bertelsmann se associou a editora Abril e em 1973 fundou o Círculo do Livro.

No Brasil, temos registros desse tipo de clube de livro na obra “O livro no Brasil”, de Laurence Hallewel (2017). Segundo o pesquisador, o primeiro clube de assinatura de livros no país foi criado em 1941 por Mário de Andrade, Cândido Portinari e Aníbal Machado, se estabelecendo como um clube de poesia. Em 1942, o clube Sociedade dos Cem Bibliógrafos do Brasil foi fundado, publicando 23 títulos para os seus associados até 1968, quando encerrou suas atividades. Na década de 1940 ainda foram criados os clubes O Livro do Mês e o Círculo Literário. Já entre 1943 foi fundado por Mário Graciotti o Clube do Livro. Já o Círculo do Livro foi fundado em março de 1973 e chegou a possuir mais de 800 mil assinantes por todo o Brasil, encerrando suas atividades no final da década de 1990. (HALLEWEL, 2017)

O estado da arte do “Clube do Livro” ou “Clube de Leitura” no Brasil

Como parte inicial de pesquisa de doutorado sobre os clubes de assinatura de livros no Brasil, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora, desenvolvemos o estado da arte do objeto “clube do livro” ou “clube de leitura” no Brasil. Em nossa pesquisa, intitulada provisoriamente de “Do Círculo do Livro a Tag Livros: a resignificação da experiência dos leitores de clubes de assinaturas de livros”, buscamos analisar como as novas tecnologias estão modificando os hábitos de leitura dos novos assinantes de clubes de livros.

Para a realização do levantamento, nós utilizamos bases de divulgação de produções científicas online que oferecessem resultados diversos e atuais. Além disso, recorremos a softwares para nos ajudar a coletar, tratar e reproduzir os dados. Assim, realizamos a nossa consulta em duas bases de pesquisa: o Google Acadêmico, interface de pesquisa do buscador Google, que permite que acessemos informações sobre as produções científicas diversificadas; e o Catálogo de Teses e Dissertações da Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), que reúne as dissertações e teses publicadas no Brasil. Pretendemos, assim, realizar um mapeamento das produções científicas do Brasil, de um período de 2000 a julho de 2021.

Para consultar nessas duas bases, é necessário a inserção de palavras-chaves. Além de “clube do livro” e “clube de leitura”, também utilizamos como palavras-chaves outras variações, como “clube de livros”, “clube da leitura” e “clubes de assinatura de livros”. Além disso, em diálogo com a nossa investigação atual, consideramos importante verificar as publicações relacionadas aos nossos objetos específicos: “Círculo do Livro”

e “Tag Livros” ou “Tag Experiências Literárias”. Assim, realizamos o levantamento, nas duas bases, com 8 palavras-chaves.

Em nossas análises, elaboramos uma categorização dos resultados. Primeiramente, pelo tipo de produção, que poderia se enquadrar em resumos em eventos (publicações abaixo de 8 páginas), artigos publicados em anais de eventos (publicações acima de 8 páginas), artigos publicados em revistas, trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações de mestrado, teses de doutorado e outros, como paper, relato de experiência e resenhas em revistas.

Também analisamos o ano de publicação do trabalho e a área de conhecimento. Para determinar onde cada pesquisa seria enquadrada, utilizamos como referência a Tabela das Áreas de Conhecimento da Capes, que categoriza os campos de pesquisa em grandes áreas e subáreas do conhecimento. As grandes áreas são: Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências da Saúde, Ciências Agrárias, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas, Linguística, Letras e Artes e Multidisciplinar⁴.

No Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, as palavras-chaves poderiam estar presentes nos títulos e resumos dos trabalhos. Para a pesquisa, inserimos os termos entre aspas, para obtermos um resultado mais preciso. Na Tabela 1 é possível visualizar os resultados para cada palavra-chave:

TABELA 1: frequência das palavras-chaves no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes

Palavra-Chave	Frequência
Clube de assinatura de livros	1
Clube do livro	6
Clube de livros	1
Clube de leitura	18
Clube da leitura	4
Círculo do livro	4
Tag Livros	0
Tag Experiências Literárias	0
Total	34

Fonte: elaborada pelas autoras

⁴Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/instrumentos/documentos-de-apoio-1/tabela-de-areas-de-conhecimento-avaliacao>. Acesso em 2 de agosto de 2021.

Quando analisamos as áreas de conhecimento, encontramos 1 pesquisa relacionada a área de Ciências Exatas e da Terra; 2 na área de Ciências da Saúde, especificamente na subárea Enfermagem; 6 em Ciências Sociais Aplicadas, sendo 4 na subárea de Comunicação e 2 em Ciências da Informação; 12 em Ciências Humanas, sendo 8 na subárea de Educação, 2 em Psicologia e 2 em Sociologia; e 13 na área de Linguística, Letras e Artes.

Quanto ao ano de publicação, tivemos 1 trabalho publicado em 2003, 1 em 2004, 1 em 2006, 1 em 2009, 1 em 2011, 2 em 2013, 2 em 2014, 6 em 2015, 6 em 2016, 2 em 2017, 2 em 2018, 5 em 2019, 3 em 2020 e 1 em 2021. Desses, 28 eram dissertações de mestrado e 6 teses de doutorado.

No campo da Comunicação, que nos interessa nesse trabalho, pudemos encontrar 4 dissertações de mestrado: “Entre o livro e o Youtube há um filme: uma experiência transmidiática de consumo por alunos em sua formação leitora”, de 2016, “Através da Tag e o que Alice encontrou por lá: memória, comunicação e consumo em um clube de livros”, de 2019, “Mediações no clube de leitura Leia Mulheres: reconhecimento e sociabilidade a partir da literatura escrita por mulheres”, também de 2019, e “Wizards World Book Club e a ampliação do universo narrativo: uma análise das ações e das estratégias na rede social digital a partir do clube do livro de Harry Potter”, de 2021.

TABELA 2: frequência das palavras-chaves no Google Acadêmico

Palavra-Chave	Frequência
Clube de assinatura de livros	2
Clube do livro	29
Clube de livros	10
Clube de leitura	75
Clube da leitura	31
Círculo do Livro	1
Tag Livros	7
Tag Experiências Literárias	8
Total	163

Fonte: elaborada pelas autoras

A análise realizada no Google Acadêmico contemplou uma produção mais variada, selecionando desde resumos a teses. Para realizar o levantamento, utilizamos um software “Publish or Perish”, que acessa os dados do Google Acadêmico e organiza os

dados em formato tabular, facilitando a coleta e análise. Nele, os 8 termos foram pesquisados com aspas, reduzindo o campo de busca para os títulos dos documentos, excluindo citações e patentes. Na Tabela 2 é possível visualizar os resultados para cada palavra-chave.

Porém, percebemos que, do total de 163 resultados, existiam publicações repetidas. Além disso, alguns resultados não eram publicações brasileiras, eram capítulos de livros ou livros completos, projetos de implantação de clubes e relatórios de pesquisa. Esses resultados foram excluídos da análise. Assim, o número de nosso escopo foi reduzido a 93 produções.

Encontramos publicações de diversas disciplinas e, para podermos categorizá-las de forma padronizada, observamos em quais áreas se enquadraram os eventos, revistas e instituições nos quais elas foram publicadas. Tivemos 1 trabalho na área das Engenharias; 4 na área de Ciências da Saúde, especificamente na subárea da Enfermagem; 20 na área das Ciências Sociais Aplicadas, sendo 11 na subárea da Ciências da Informação e 9 na área da Comunicação; 41 na área de Ciências Humanas, sendo 37 na subárea da Educação e 4 nas subáreas de Filosofia, Psicologia, Sociologia e Geografia; 7 na área de Linguística, Letras e Artes e 20 na área Multidisciplinar.

Verificamos a presença de 1 tese de doutorado, 11 dissertações de mestrado, 6 TCCs, 30 artigos em revista, 17 artigos em congresso, 22 resumos em congresso e 6 outros tipos de publicação. Quanto ao ano de publicação, encontramos 1 de 2003, 1 de 2008, 1 de 2009, 3 de 2012, 3 de 2014, 7 de 2015, 8 de 2016, 13 de 2017, 14 de 2018, 21 de 2019, 15 de 2020 e 6 de 2021.

Consideramos importante também observar a classificação no “Qualis Periódico” na área de Comunicação das revistas nos quais os artigos foram publicados. As revistas podem ser classificadas como A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C, sendo A1 a classificação mais elevada que um periódico pode receber, e C, tendo a pontuação zero. Dos 30 artigos analisados, 15 não possuem avaliação para a área de Comunicação, 3 são classificados como B1, 2 como B2, 2 como B3, 2 como B4, 4 como B5 e 2 como C.

Novamente, como nosso foco é o campo da Comunicação, vamos nos ater sobre os 9 resultados para esse campo de estudo. Foram coletadas 1 dissertação, “Através da TAG e o que Alice encontrou por lá: memória, comunicação e consumo em um clube de livros” (2019); 1 trabalho de conclusão de curso, “Clube TAG Livros: comunicação de experiências literárias em uma comunidade de leitores” (2018); 3 artigos publicados em

revistas, “O mercado editorial da curadoria literária: do Círculo do Livro ao modelo da TAG Experiências Literárias” (2017), qualis B5, “Mediações no clube de leitura Leia Mulheres” (2019), qualis B1, e “Memória, ritual e consumo nas práticas editoriais do clube de livros Tag Experiências literárias” (2020), qualis B1; e 4 artigos publicados em congressos, “Clube de assinantes de livros no séc. XXI: o caso do Leiturinha” (2017), “Clube Tag Livros: comunicação, consumo e memória no novo espírito do capitalismo” (2018), “Plataformas digitais como incentivo e promoção da leitura: um estudo de caso sobre a Tag–Experiências Literárias” (2018), “Consumo e Experiências Literárias: Quem são os Assinantes da TAG Livros?” (2019).

Assim, somando as duas bases, tivemos um total de 126 publicações. Porém, existem 5 dissertações que são encontradas em ambas as bases, reduzindo para 121 esse número.

Podemos perceber que houve um aumento do número de pesquisas relacionadas ao objeto a partir da segunda década do século XXI. De 2000 a 2010 tivemos 7 publicações com o tema, contra 112 de 2011 a 2021. Talvez isso se deva ao acesso mais rápido e fácil que temos atualmente para digitalizar as publicações, porém, percebemos um crescimento do interesse, principalmente no campo da Comunicação, para esse objeto.

Além disso, tivemos um total de 12 publicações, cerca de 10%, que possuem como objeto de pesquisa os “clubes de livros” na área de Comunicação. E é interessante perceber todas elas foram publicadas após 2015, sendo que 8 dessas publicações trazem como tema o clube de assinatura de livros e 7 trazem a Tag Livros como objeto específico.

Considerações Finais

Observando o levantamento realizado para esse trabalho, percebemos que o objeto “clube do livro” ou “clube de leitura” está presente em diversas áreas do conhecimento. Verificamos que as áreas que mais apresentam o objeto como ponto central da pesquisa são as áreas da Ciências Sociais Aplicadas, Ciências Humanas e Linguística, Letras e Artes. Esse resultado já era esperado, já que os clubes de livros estão muitas vezes relacionados ao consumo de livros, aos hábitos de leitura e ao ensino. Porém, nos surpreendeu encontrar pesquisas nas áreas de Ciências Exatas e da Terra, Engenharias e Ciências da Saúde.

Na área da Comunicação, verificamos que o foco das pesquisas atuais são os clubes de assinatura de livros, o quarto tipo de clube nomeado por Norrick-Rühl (2019).

Acreditamos que esse fato se deve ao crescimento do número de clube de livros no Brasil, que vêm aumentando desde 2014, quando foi lançado o clube Tag Livros. Atualmente, existem mais de 40 clubes, para os mais diferentes segmentos do mercado e com diversos tipos de curadoria. Assim, vemos um interesse no campo da Comunicação de compreender esse fenômeno tanto pelo viés mercadológico, quanto pelas modificações nos hábitos de leitura dos brasileiros.

Além disso, notamos como cada campo utiliza os conceitos de “clube do livro” ou “clube da leitura” que mais contribuem para responder às suas perguntas de pesquisa. E, muitas vezes, os pesquisadores acabam buscando autores ou conceitos em outras áreas que lhe ajudem a compreender o seu objeto. Nesse sentido, dialogando com as questões levantadas por Bourdieu, Quiroga e Lopes, vemos que, quando falamos especificamente de “clubes de livros”, o campo da Comunicação não se mostra completamente autônomo, já que o objeto não só necessita de um diálogo com outras áreas, mas está se modificando continuamente em decorrência das mudanças tecnológicas e da aceleração do tempo, o que influencia nas pesquisas. Além disso, os embates de força permanecem, quando percebemos como os pesquisadores buscam publicar suas pesquisas em revistas cada vez mais conceituadas.

Dessa forma, percebemos o quanto esse objeto é amplo e promove diversas discussões, nos mais variados campos acadêmicos. Em especial, para a pesquisa de doutorado que está em curso, na área de Comunicação, verificamos que talvez seja necessário buscar respostas principal em outras subáreas, como a História, Sociologia e Letras, para respondermos a nossa principal questão.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática. 1983

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp. 2004

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 3ª edição, 1 reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 2017

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Comunicação, disciplinaridade e pensamento complexo. **Anais XVI COMPÓS**. Curitiba: Compós. 2007. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_221.pdf. Acesso em: 2 de agosto de 2021.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Lisboa: Europa-América. 1982

MANGEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARIA, Luiza. **O clube do livro: ser leitor, que diferença faz?**. São Paulo: Global. 2016

PETIT, Michèle. **A arte de ler ou como resistir à adversidade**. São Paulo: Editora 34, 2010

QUIROGA, Tiago. Sobre o campo científico da comunicação. **Questões Transversais – Revista de Epistemologias da Comunicação**. Vol. 1, nº 1, 2013. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/questoes/article/view/5712>. Acesso em 2 de agosto de 2021.

RÜHL – NORRICK, Corinna. **Book Clubs And Book Commerce**. Cambridge: Cambridge University Press. 2019

SEDO, Denel Rehberg (2011). **Reading Communities: From Salons To Cyberspace**. New York: Palgrave Macmillan.

WILLIAMS, Abigail. **The Social Life of Books: Reading Together in the Eighteenth-Century Home**. Yale University Press. 2017.